

5

A tradição Cristológica no Apocalipse 22,12 e a parusia

Depois de termos verificado os termos relevantes do versículo 22,12 do Apocalipse de João e verificado os textos paralelos. Agora, nos questionamos se é possível uma aproximação entre as idéias principais do ambiente joanino (parusia, doutrina da retribuição e julgamento) com os conceitos desenvolvidos no ambiente Qumrânico e nos escritos apocalípticos. Depois faremos a aproximação ou distanciamento dos pontos de contato destas idéias joaninas com os conceitos presentes no cristianismo primitivo.

Neste quinto capítulo pretendemos observar a tradição Cristológica subjacente a 22,12, portanto, objetivamos verificar o ambiente literário do surgimento da parusia, da doutrina da retribuição e da idéia de julgamento, para que possamos compreender a Cristologia que nasce do texto do Apocalipse e sua relação com a comunidade litúrgica, em feed-back com toda a Cristologia neo-testamentária. Finalmente buscaremos uma resposta para a seguinte pergunta: Em vista da tradição escatológica do Apocalipse de João, em que sentido podemos falar de uma Cristologia no Apocalipse?

Qual o significado para a vida cristã da afirmação do Cordeiro: eis que eu venho em breve e trago salário pessoal.

5.1

Conceitos de parusia e julgamento presentes no cristianismo primitivo e no Mundo do Antigo Mediterrâneo

Hanson afirma que idéias da antiga mitologia judaicas e da especulação helenística, exercem diferentes influências na formação dos apocalipses⁴⁰³.

⁴⁰³ HANSON, P., et al., *Apocalypses and Apocalypticism*, p. 280-281. Estas características são as bases de sustentação de uma cosmovisão, subjacentes nos escritos apocalípticos.

Cada vez mais surgem novos estudos sobre este ambiente literário do cristianismo primitivo, tanto estudos sobre o ambiente qumrânico, como apocalipses cristãos e não cristãos⁴⁰⁴.

A leitura do livro do Apocalipse provoca uma aventura espiritual. Um novo mundo se descortina, a princípio desconhecido. Mas, não é tão novo, dos 404 versículos do Ap., 278 aludem com referências explícitas ao A.T. Entretanto, algumas formulações do Apocalipse são completamente originais: *árvore da vida* (2,7; 22,2), *a morte segunda* (2,11), *o maná escondido* (2,17), *a estrela radiante da manhã* (2,28; 22,16), *o cordeiro*⁴⁰⁵ como animal poderoso e guia do povo. Só no Apocalipse e não se encontra mais no Antigo Testamento e no Novo Testamento⁴⁰⁶.

Será que algumas idéias escatológicas do apocalipse sofreram uma influência de um ambiente gnóstico⁴⁰⁷?

A literatura produzida pelo Cristianismo gnóstico inclui um número de apocalipses⁴⁰⁸.

Como vimos no capítulo anterior o conceito de julgamento segundo as obras está presente no versículo 22,12 e seus paralelos. Mas, será que este tipo de julgamento se fazia presente no ambiente religioso greco-romano do cristianismo primitivo? Para respondermos a esta pergunta aqui apresentaremos os dois conceitos básicos de salvação que estão subjacentes no meio gnóstico greco-romano, um que se refere a ascensão da alma individual e outro conceito escatológico mais amplo. A partir destes conceitos iremos fazer uma comparação entre este tipo de escatologia e aquela que está presente em no Apocalipse, principalmente em Ap 22,12.

⁴⁰⁴ GRAPPE, C., *De l'intérêt de 4 Maccabées 17.18-22 (et 16.20-1) pour la christologie du NT*, in *NTS* 46 (Junho-2000), 343-357. Este artigo mostra a obra IV Macabeus. É uma obra do fim do primeiro século ou segundo século. Ela apresenta a morte dos sete irmãos sobre o enfoque de morte sacrificial, nestas mortes está presente a dimensão reparativa e também a dimensão de comunhão. Esta obra está em ligação com o IV Evangelho, quando aborda o tema da elevação (Jo 3,14; 8,28; 12,32.34).

⁴⁰⁵ O vocábulo *ἀρνίου* aparece 29 vezes no Apocalipse e no Novo Testamento somente mais uma vez em João. MORGENTHALER, R., *Statistik des Neutestamentlichen Wortschatzes*, p. 78.

⁴⁰⁶ MOLINA, F.C., *El Señor de la Vida. Lectura Cristológica del Apocalipsis*, p. 11.30.

⁴⁰⁷ O que é chamado de *gnose* ou *gnosticismo* é uma filosofia religiosa originada em um ambiente do judaísmo no período do Helenismo tardio. COLLINS, A. Y., in HANSON, P., et al, *Apocalypses and Apocalypticism*, p. 291.

⁴⁰⁸ FALLON, F. T., *The Gnostic Apocalypses*. In *Semeia* 14, 1979, 123-158.

Em *Excerpta ex Theodoto*, nós encontramos um questionamento: *para onde estamos indo?* Esta pergunta possui um caráter escatológico e se refere a um ponto principal da gnose, isto é, refere-se à ascensão da alma individual, porém, também encontramos nos textos gnósticos traços de uma escatologia universal que se refere ao fim do mundo⁴⁰⁹.

O caminho pelo qual a alma ascende foi preparado com antecedência pelo redentor, através de sua ascensão⁴¹⁰, mas não sem perigos, já que existe aqui um confronto final com as forças opostas.

A alma que ascende deve passar por sete céus e para isto precisará de certos conhecimentos que auxiliam nestas passagens. Certas palavras, como o conhecimento dos nomes dos senhores dos setes céus funciona como senhas desta jornada⁴¹¹.

A ascensão levará quarenta e dois dias, durante este período a comunidade acompanha a alma com orações e sacrifícios. As boas obras que desempenhou aqui na terra são também uma fonte de proteção contra os ataques das forças hostis. Um texto significativo desta concepção é o *Left Ginza* (3.9f., 15 [519,522,533 Lidzbarski]): “*Soul, arm yourself with the donation that is your reward, with your works and your alms...*”⁴¹².

O caminho da ascensão também significa que a alma é julgada e parece que de certo modo uma purificação é possível. As almas não merecedoras são impedidas de continuar no caminho. Há também a possibilidade de punição até mesmo para os gnósticos, estes serão preservados até o dia da punição⁴¹³.

A escatologia universal fala da do fim do mundo terreno. Quando a última partícula espiritual voltar para o reino de luz, a força é retirada totalmente do mundo, ele deve então desintegrar e desaparecer. O círculo está completo.; o

⁴⁰⁹ KLAUCK, H-J., *The Religious Context of Early Context Christianity- A Guide to Graeco-Roman Religions*. (trad. ing. de Die Religiöse Umwelt des Urchristentums) Edinburgh: T&T Clark, 2000, p.478. A ascensão da alma ao mais alto dos céus após a morte é o princípio teológico central da gnose.

⁴¹⁰ A alma que deixa o corpo deve passar pelos sete céus, nos quais demônios, poderes, autoridades e o Demiurgo têm sua morada. Eles tentam deter a passagem da alma, mas o conhecimento de certas palavras é a condição de passagem. KLAUCK, H-J., *The Religious Context of Early Context Christianity*, p. 478.

⁴¹¹ Ibid., p 479. Fórmulas encantadas, sinais mágicos e amuletos são usados como proteção e para entregar aos vigias dos portões de cada esfera celeste. Isto se encontra em Orígenes na obra *Contra Celsum* 6.31, e também em Apocalipse de Tiago (NHC – *Nag Hammadi Codex* V/3).

⁴¹² Ibid., p. 480.

⁴¹³ Ibid., p. 480-481.

mundo encontrou seu fim (NHC VI/4; Ps.-Tertullian, *Adversus Omnes Haereses* 1.7.1)⁴¹⁴.

Acerca da concepção de salvação e escatologia presente no mundo gnóstico, nós percebemos diferenças incomensuráveis e inconciliáveis com os conceitos do Livro do Apocalipse.

Em Ap 22,12 e seus paralelos dentro do livro do Apocalipse, não encontramos o conceito de salvação por um processo de ascensão. Pois, ὁ μισθός é entregue a cada um ὡς τὸ ἔργον ἐστὶν αὐτοῦ sem a necessidade de um caminho de passagem por sete céus. A retribuição parece ser no livro do Apocalipse segundo a nossa análise um ato soberano daquele que está sentado no trono, e não como na lei de talião, ou seja, na justa medida. A recompensa é incomparável as obras. Dom livre daquele que dá a vida.

Um conceito comum de fim do mundo entre o Apocalipse e os gnósticos, em Ap 19,20 observa-se a destruição de todo mal no τὴν λίμνην τοῦ πυρός. No entanto, mesmo aqui a diferença é muito grande, pois somente o mal será lançado no lago de fogo, enquanto isto, na revelação cristã é proclamado um Novo Céu e uma Nova Terra (Ap 21,1, uma Jerusalém celeste).

Como ponto fundamental que demarca esta diferença substancial está a presença do cordeiro, o Senhor da vida, juiz escatológico, noivo esperado.

O cerne do Apocalipse consiste na narração de uma série de visões. Estas visões são fortemente reminescente da literatura apocalíptica judaica⁴¹⁵. Porém, no texto de nosso estudo não encontramos visões.

Um grupo importante para a comparação com o livro Apocalipse é a literatura proveniente da comunidade de Qumran⁴¹⁶.

Um texto retirado dos hinos ao Mestre de Justiça se aproxima da idéia de justificação de Paulo e apresenta a idéia de julgamento do Apocalipse. Ele está presente nos escritos qumrânicos⁴¹⁷, entretanto, não está presente neste texto o

⁴¹⁴ Ibid., p. 482. Os acontecimentos escatológicos são dependentes de mitos comuns, como o ἐκπύρωσις (destruição pelo fogo de toda a matéria).

⁴¹⁵ AUNE, D.E., *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World*, p. 274.

⁴¹⁶ ALLEGUE, J. V., *Los Hijos de la Luz y los Hijos de las Tinieblas*. Estella (Navarra): Verbo Divino, 2000 p. 29. 31. A comunidade de Qumran é formada por um grupo de pessoas que se separaram do judaísmo, para o deserto. As razões que os levaram à separação foram fundamentalmente religiosas.

⁴¹⁷ ALLEGUE, J. V., *Los Hijos de la Luz y los Hijos de las Tinieblas*, p. 55-56. Os escritos encontrados nas grutas de Qumran podem ser classificados em oito blocos: a) as regras; b) textos hagádicos; c) literatura de conteúdo escatológico; d) literatura exegetica; e) literatura para-bíblica;

juízo pelas obras, nem a perspectiva de parusia, apenas a esperança de juízo, ainda que este juízo dependa exclusivamente do juiz e não daquele que é julgado:

“Eu sei que há esperança graças à tua ternura, e confiança pela abundância de tua força, pois ninguém é declarado justo em teu juízo, nem inocente em teu processo; um homem é mais justo que outro homem (1 QH XVII [=IX], 14-15; TQ, 394)⁴¹⁸”.

As “Regras da comunidade” de Qumran demonstram a grande influência que exerceram sobre outros escritos do período, no entanto, também receberam muita influência externa⁴¹⁹.

A liturgia do Apocalipse mostra de modo antropomórfico a divindade, se assemelhando a Daniel e diferenciando dos escritos da comunidade qumrânica, a liturgia qumrânica se apresenta com uma linguagem muito abstrata:

“Another tendency of the time is the reluctance to use anthropomorphisms in describing God. In the time Songs of the Sabbath Sacrifice, which is attested in the fragments of seven scrolls, we possess in angelic liturgy for God in the most holy, celestial sanctuary, comparable with the Hekhalot texts nearly a thousand years later. But unlike the Hekhalot texts, Daniel 7, the Apocalypse of John, or the Merkabah Vision of Ezekiel, we have no description of the appearance of God himself. He remains not only unapproachable but also beyond all description. The language is also very abstract”⁴²⁰.

Podemos afirmar que há uma independência entre o meio litúrgico do Apocalipse Joanino e o ambiente literário qumrânico, apenas no que se refere o antropomorfismo teológico da liturgia⁴²¹.

f) textos proféticos; g) textos litúrgicos, astronômicos; calendários e horóscopos; h) o rolo de cobre.

⁴¹⁸ MARTINEZ, F. G., BARRERA, J. T., *Os Homens de Qumran – Literatura, estrutura e concepções religiosas* (trad. em port. de *Los hombres de Qumrán: Literatura, Estructura Social y Concepciones religiosas*). Petrópolis: Vozes, 1996, p. 251-253. A comunidade de Qumran possuía cópias de Daniel e apocalypses atribuídos a Henoc. COLLINS, A. Y., in HANSON, P., et al, *Apocalypses and Apocalypticism*, in *The Anchor Bible Dictionary*, Vol. 1, N. York: Doubleday, 1992, p. 288.

⁴¹⁹ ALLEGUE, J. V., *Los Hijos de la Luz y los Hijos de las Tinieblas*, p. 35.

⁴²⁰ HENGEL, M., *Qumran and Hellenism*, in COLLINS, J. J.; KUGLER, R. A., *Religion in the Dead Sea Scrolls* (Studies in the Dead scrolls and related literature). Michigan: Eerdmans, 2000. p. 53.

⁴²¹ Não estamos negando alguma aproximação que possa existir. Uma aproximação entre Apocalipse e os escritos qumrânicos é possível. O documento 4Q368 (Apocryphon of Pentateuch A) 2,2, tem proximidade com Ap 15, 3, quando se diz que Moisés é servo de Deus “τοῦ δούλου τοῦ θεοῦ”. Mas, este texto não possui uma referência direta ao objeto de nosso estudo. BOWLEY, J. E., *Moses in The Dead Sea Scrolls: Living in the Shadow of God’s Anointed*, in FLINT, P. W. (Ed.). *The Bible at Qumran – Text, shape, and Interpretation* (Studies in the Dead scrolls and related literature). Michigan: Eerdmans, 2001. p. 159-181.

Expressões similares são usadas tanto na literatura qumrânica como no Apocalipse: τῷ βιβλίῳ τῆς ζωῆς (Ap 13,8; 17,8, 20,12); τὸ βιβλίον καὶ τὰς ἑπτὰ σφραγίδας (Ap 5,5)⁴²².

Em Qumran a expectativa de futuro incluía um escatológico combate⁴²³.

A literatura qumrânica teve seus últimos escritos no período contemporâneo aos primeiros escritos neo-testamentários⁴²⁴.

A literatura de Qumran é profundamente marcada pelo dualismo. Este dualismo marca a concepção messiânica. O messias é apresentado com os seguintes aspectos: a) um messias davídico, herança do Antigo Testamento; b) a imagem de um messias celeste (4Q 246); c) um messias sacerdotal e messias real⁴²⁵.

Apesar da proximidade de algumas expressões e idéias, estamos longe de afirmar qualquer dependência do Apocalipse em relação à literatura qumrânica. Porém, ambos escritos possuem uma situação que estimula este tipo de literatura, a situação de crise. Outra fonte comum para o Apocalipse e a comunidade de Qumran são os escritos do Antigo Testamento. A ausência de lideranças no momento de crise possibilita o surgimento de profetas carismáticos. Com a finalidade de motivar as comunidades para transformações. A motivação da comunidade é realizada por meio de uma linguagem.

O conhecimento dos escritos qumrânicos produz muito mais que uma tentativa frustrada de encontrar paralelos ou dependências, ele ajuda a compreender o ambiente literário do surgimento do Apocalipse, isto alavanca a pesquisa atual sobre o Apocalipse.

Em Qumran, também percebemos escritos litúrgicos (liturgia dos anjos), uma perspectiva de julgamento das nações, um matiz profético-apocalíptico. Mas a principal diferença dos escritos qumrânico para o Apocalipse é sem dúvida alguma a Cristologia, portanto, é Jesus o Cordeiro, como degolado, morto, porém vivo que perpassa cada linha do livro do Apocalipse.

5.2 Ambiente Cristão

⁴²² ALLEGUE, J. V., *Los Hijos de la Luz y los Hijos de las Tinieblas*, p. 207.

⁴²³ COLLINS, A. Y., in HANSON, P., et all, *Apocalypses and Apocalypticism*, p. 288.

⁴²⁴ ALLEGUE, J. V., op. cit., p. 34.

⁴²⁵ Ibid., p. 311-315.

Os escritos do Novo Testamento são as principais fontes para o conhecimento deste ambiente⁴²⁶.

O Cristianismo primitivo é visto como um movimento que pode ser compreendido sobre o prisma da mudança. Uma primeira constatação é o pluralismo. Há no Cristianismo uma diversidade de formas de vivência da vida cristã. No entanto, esta diversidade não quer dizer divisão. Aquilo que une as diferentes correntes é a fé no Senhor, esta retoma e sintetiza em uma fonte comum. Pode ser definido como um Cristianismo em mudança⁴²⁷.

O ambiente do cristianismo primitivo era um ambiente profético^{428?}

A escatologia profética do Antigo Testamento faz parte da origem da escatologia apocalíptica⁴²⁹.

O livro do Apocalipse é para ser lido em voz alta e em meio ao serviço religioso (1,3; 22,18). Esta assembléia litúrgica recebe a mensagem e depois repassa para os outros da comunidade por meio de um ou mais profetas locais substituindo o enfoque profético⁴³⁰.

Se em Joel 3,1 encontrarmos uma ligação entre o fim dos tempos e a profusão do “*dom de profecia*”, conseqüentemente poderemos propor que o caráter escatológico-apocalíptico é fruto de um grupo de profetas, ação de uma comunidade profética⁴³¹.

Dentro do livro do Apocalipse, nós encontramos vários oráculos proféticos. O que caracteriza o discurso profético de João no Apocalipse é o estilo “Eu”⁴³².

⁴²⁶ SANTOS, P. P. A., *Algumas questões sobre as relações entre o âmbito do Cristianismo Primitivo e o surgimento de uma consciência histórica: Historia Social da Literatura Canônica*, in *Atualidade Teológica*, PUC-RJ, 11 (Maio – Agosto), Rio de Janeiro, 2002, 256-274. p. 271.

⁴²⁷ SANTOS, P. P. A., *Algumas questões sobre as relações entre o âmbito do Cristianismo*, 263-364.

⁴²⁸ ROUSSEAU, F. *L'Apocalypse et le milieu prophétique du Nouveau Testament*, 131-149. AUNE, D.E., *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World*, 275. FIORENZA, E.S., *Apokalypsis and Propheia the Book of Revelation in the Context of Early Christian Prophecy*, 205-208.

⁴²⁹ HANSON, P., et all, *Apocalypses and Apocalypticism*, p. 280. A origem da apocalíptica judaica pode ter sido o dualismo persa (séc. IV a.C.) durante o período que entrou em contato com o judaísmo. Porém, quando se coloca em relevo as peculiaridade de cada corrente apocalíptica se percebe uma grande fragilidade desta afirmação acima. A fonte mais confiável é a origem profética. Este dualismo está muito presente nos escritos qumrânicos. ALLEGUE, J. V., *Los Hijos de la Luz y los Hijos de las Tinieblas*, 315.

⁴³⁰ AUNE, D.E., *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World*, 275.

⁴³¹ SANTOS, P. P. A., *O Apocalipse de Jesus Cristo*, p. 48.

⁴³² AUNE, D.E., op. cit., p. 279.

Nas cartas, estes oráculos nas mensagens as sete Igrejas significam ameaça de julgamento para uns e promessas de salvação para outros. Aqueles que perseverarem, merecerão louvor e está assegurada a salvação, aqueles que se desviarem estão condenados, e o julgamento está próximo⁴³³.

O oráculo de julgamento de salvação surge de um desenvolvimento da profecia na comunidade pós-exílica israelita e possui como princípio uma proposta positiva⁴³⁴.

A proposta básica destes oráculos de salvação e ameaça de julgamento era positiva. A ameaça de julgamento era usada para convencer a mudar de caminho. A promessa de salvação para encorajar a perseverança⁴³⁵.

Papel importante dos profetas cristãos, agir como guardiões e preservadores do comportamento cristão, das crenças e costumes. Quando os desvios ameaçavam a existência cristã, na ausência de liderança era importante o papel do profeta.⁴³⁶

A promessa ao vitorioso, encoraja os cristãos para enfrentar os desafios⁴³⁷.

A recompensa e a punição estão relacionadas ao comportamento humano⁴³⁸.

5.3 Relação entre *parusia* e *ἔρχομαι ταχύ*

A comunidade joanina é uma comunidade repleta de expectativas de *parusia*⁴³⁹.

Para Allo, as passagens da última parte do livro do Apocalipse (22,6.10.12.20) devem ser interpretadas em sentido largo, sem época⁴⁴⁰.

Molina observa no Apocalipse que o Cordeiro, “*el Señor de la vida*”, é o protagonista ativo da história da Salvação⁴⁴¹.

⁴³³ AUNE, D.E., *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World*, p. 278.

⁴³⁴ *Ibid.*, p. 278. Dois grupos na comunidade pós exílicas: os justos e os maus, os pecadores.

⁴³⁵ *Ibid.*, p. 277

⁴³⁶ *Ibid.*, p. 277.

⁴³⁷ *Ibid.*, p. 278.

⁴³⁸ *Ibid.*, p. 279. Isto seria uma referência a lei de Talião. Lei de justiça e retribuição.

⁴³⁹ SANTOS, P. P. A., *O Apocalipse de Jesus Cristo*, p. 54.

⁴⁴⁰ ALLO, E. B., *Saint Jean, L'Apocalypse*, in *Études Bibliques*, p. 51. Para Allo as profecias detalhadas sobre a besta (13,17) e do milenário (20) recuam necessariamente em uma indefinida perspectiva do julgamento último.

⁴⁴¹ MOLINA, F.C., *El Señor de la Vida. Lectura Cristológica del Apocalipsis*, p. 275.

J. A. Robinson afirma que a parusia é uma palavra que não tem plural. Com isto, ele pretende diluir a diferença entre a exaltação de Jesus e sua parusia. De modo que a vinda do filho do Homem não seja meramente um evento da história passada, não é um aoristo, senão um perfeito. Este modo de compreender a parusia é típico de João, porém é idêntico a todo o Novo Testamento⁴⁴².

No Apocalipse Cristo, o Cordeiro, aquele que estava morto⁴⁴³ como degolado (5,12), mais está vivo (1,18; 10,6) recebe de Deus as chaves. O Ressuscitado possui o direito ao poder de vida e de morte, compartilha da vida imortal, possui a mesma vida eterna do Pai⁴⁴⁴.

Para Robinson a vinda já foi inaugurada no grande “perfeito” joanino. Isto é o fundamento para a sua idéia de “escatologia inaugurada⁴⁴⁵”.

C. H. Dodd⁴⁴⁶ mostra a vinda de Cristo como uma realidade, para um tempo presente e futuro.

Em Ap 1,8, parece haver uma confusão do autor que hora acentua o aspecto verbal passado e logo a seguir o futuro. No entanto, Vanni⁴⁴⁷ mostra que a confluência do presente, passado e futuro, os três aspectos temporais do verbo, não se trata de uma confusão do autor do Apocalipse, senão de uma maneira específica de valorizar a história ou “*meta história*” de uma forma crescente que se descreve:

*“Il nostro autore, mentre da una parte accentua in maniera inequivocabile e in proporzione massiccia la succezione in crescendo, si riservanello stesso tempo di uscire improvvisamente dallo schema della succezione stessa, variandolo a piacimento”*⁴⁴⁸.

S. Zedda⁴⁴⁹ ao falar das cartas as sete Igrejas do Apocalipse, afirma que poderia falar-se de vinda total de Cristo, que abraça as vindas particulares e a vinda final.

Entre a *vinda da hora* - Evangelho de João - à *vinda de Cristo* – Apocalipse, há uma passagem qualitativa de uma para outra. Um desenvolvimento, nisto consiste a dimensão histórica-Cristológica peculiar ao livro do Apocalipse⁴⁵⁰.

⁴⁴² ROBINSON, J.A.T., *Jesus and His Coming*. Philadelphia Westminster, 1959, p. 136-185.

⁴⁴³ Ap 1,18; 11,18; 14,13; 16,3; 20,5.12.13.

⁴⁴⁴ MOLINA, F.C., *El Señor de la Vida. Lectura Cristológica del Apocalipsis*, p. 348.

⁴⁴⁵ ROBINSON, J.A.T., *Jesus and His Coming*, p. 161.

⁴⁴⁶ DODD, C. H., *The Coming of Christ*. Cambridge, 1951, p. 8.

⁴⁴⁷ VANNI, U., *La struttura letteraria dell'Apocalisse*, p. 238-247.

⁴⁴⁸ *Ibid.*, p. 247.

Uggo Vanni mostra o progresso teológico e literário da *vinda da hora* no IV Evangelho e *a vinda de Cristo* no livro do Apocalipse. No desenvolvimento do artigo Vanni mostra que o verbo ἔρχεσθαι, que está na base do tema escatológico, vai adquirindo diferentes matizes dentro do movimento joânico. Constata que no estudo dos distintos escritos a progressiva confrontação com a história fornece a solução específica ao problema escatológico.

A história não é vista como findada por completa, todavia permanece a larga duração do tempo. A perspectiva de salvação, realizada na história, tem seu protagonista o cordeiro, o qual assume também a função de Pastor “ποιμήν”, guia do povo em macha⁴⁵¹.

Cristo Ressuscitado guia a Igreja rumo a sua realidade escatológica. Se a Igreja parece desorientada em meio às crises, Cristo vai a sua frente a precede, ele é o Cordeiro-Pastor. No Apocalipse, o Cristo Cordeiro assume o pastoreio, se converte em Pastor, é o pioneiro que vai adiante⁴⁵².

J. Massyngnerde Ford compreende que a conclusão das visões⁴⁵³ está dentro de um dos quadros mais esquisitos e esperançosos da escatologia do N.T.⁴⁵⁴.

A obra de Ugo Vanni⁴⁵⁵ não realiza um desenvolvimento sistemático do tema, mas sugere um campo de trabalho, indicando intuitivamente suas possíveis vias de solução. Um progresso teológico-literário existente entre a “é chegada a “hora”⁴⁵⁶ no IV Evangelho e a “vinda de Cristo” no Apocalipse.

⁴⁴⁹ ZEDDA, S., *L'Escatologia dell'Apocalisse. L'Escatologia biblica II*. Brescia, 1974, p. 507-509.

⁴⁵⁰ VANNI, U., *L'Apocalisse. Ermeneutica, Esegese, Teologia*, p. 331. Nas páginas 307-308 Vanni desenvolve o tema da hora no IV Evangelho, tomando por base 4,23.25, no entanto este tema já tinha sido desenvolvido em sua obra (VANNI, U., *Dalla venuta dell'ora alla venuta di Cristo. La dimensione storico cristologica dell'escatologia nell'Apocalisse. Studia Missionalia* 32. 1983, 309-343).

⁴⁵¹ CONTRERAS MOLINA, F., *El Señor de la Vida. Lectura Cristológica del Apocalipsis*, p. 292. (cf. JEREMIAS, “ποιμήν”, in KITTEL, G. (editor), *Theological Dictionary of the New Testament*, vol VI, p. 485).

⁴⁵² CONTRERAS MOLINA, F., *El Señor de la Vida. Lectura Cristológica del Apocalipsis*, p. 292. c.f. Mc 14,28; Mt 9,36; Mc 6,34.

⁴⁵³ Ap 22,6-7^a. 8-13. 7b. 17b.

⁴⁵⁴ FORD, J. M., *Revelation*, p. 364.

⁴⁵⁵ VANNI, U., *Dalla venuta dell'ora alla venuta di Cristo*, p. 309-343.

⁴⁵⁶ Jo 12,23: “ὁ δὲ Ἰησοῦς ἀποκρίνεται αὐτοῖς λέγων, Ἐλήλυθεν ἡ ὥρα ἵνα δοξασθῇ ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου.” VULGATA: Jo 12,23: “Iesus autem respondit eis dicens venit hora ut clarificetur Filius hominis.”

Num contexto litúrgico, a vinda de Cristo ocorre a cada celebração da comunidade cristã. Para Ugo Vanni a Assembléia eclesial é o “*sujeito interpretante*” do Apocalipse⁴⁵⁷.

Nos capítulos anteriores, foi observada a ligação entre o Apocalipse e o ambiente litúrgico, o culto parece ser o berço do Apocalipse. Também, observamos que o próprio livro se mostra como uma profecia, podemos então dizer que é o Apocalipse é uma *profecia cúlrica*. Portanto, a Assembléia Litúrgica é o ambiente natural do profeta no Cristianismo primitivo⁴⁵⁸.

O anúncio de Cristo como Boa Nova, acontecimento histórico, está inserido na dinâmica da salvação humana⁴⁵⁹.

No IV Evangelho, o que liga Cristo e a história é a sua messianidade, no entanto, ela não está desenvolvida. A história em movimento tende a um futuro, por isto, Cristo é visto como presente e que veio⁴⁶⁰.

A novidade do Apocalipse em relação a Daniel é a vinda antecipada. O filho do homem exerce uma função frente à Igreja, é seu pedagogo e prepara-a para o juízo futuro, envia os cristãos ao mundo para dirigir as nações à última advertência, antes do juízo.

Esta manifestação da atualidade do Filho do homem dentro da Igreja parece ser a novidade e o progresso da revelação cristã do Apocalipse⁴⁶¹.

No Apocalipse, a Igreja não se esconde temerosa com medo do julgamento⁴⁶², não possui nenhum pânico, senão, deseja ardentemente a vinda do Senhor. Aspira a vinda do Senhor⁴⁶³, confiante e não temerosa⁴⁶⁴.

Uma das críticas que Comblin⁴⁶⁵ faz a Holtz⁴⁶⁶ é que falta a perspectiva daquele que há de vir, o juiz futuro, o que realizará o seu reinado no mundo e em toda a criação⁴⁶⁷.

⁴⁵⁷ VANNI, U., *L'Apocalisse. Ermeneutica, Esegese, Teologia*, p. 73. O Apocalipse é um livro aberto (Ap 1,3) para as comunidades que se reúnem para escutar e cumprir as palavras da última profecia da história. MOLINA, F.C., *El Señor de la Vida. Lectura Cristológica del Apocalipsis*, p. 12.

⁴⁵⁸ SANTOS, P.P.A. *Do Espírito da verdade*, p. 78.

⁴⁵⁹ SANTOS, P. P. A., Algumas questões sobre as relações entre o âmbito do Cristianismo Primitivo, p. 271.

⁴⁶⁰ VANNI, U., *L'Apocalisse. Ermeneutica, Esegese, Teologia*, p. 331.

⁴⁶¹ COMBLIN, J., *Cristo en el Apocalipsis*. Barcelona: Herder, 1969, 331.

⁴⁶² Ap 6,16-17.

⁴⁶³ Ap 22,17.

⁴⁶⁴ MOLINA, F.C., *El Señor de la Vida. Lectura Cristológica del Apocalipsis*, p. 281.

⁴⁶⁵ COMBLIN, J., *Cristo en el Apocalipsis*. Barcelona: Herder, 1969, 331-337.

No trabalho de Holtz numa primeira parte está apresentado o Cristo presente e na segunda parte o Cristo do futuro. Tal divisão faz desde o início o papel de interprete do Apocalipse. Convêm afirmar que não é esta a preocupação do autor do livro do Apocalipse⁴⁶⁸.

A divisão do texto de Holtz o impede de considerar a continuidade que está presente no livro, entre as visões escatológicas do Apocalipse de um extremo a outro do livro. A segunda parte, o Futuro de Cristo, é a menos desenvolvida. O Filho do Homem não tem relação com o Cristo do futuro, é um título que concerne unicamente ao Cristo presente. Portanto, o Filho do Homem é mostrado de uma forma deformada em relação a aquela que apresenta o livro do Apocalipse⁴⁶⁹.

O tema da vinda se reserva unicamente a parusia final⁴⁷⁰. Desaparece completamente a função de testemunho de Cristo.

A idéia de Igreja aparece muito empobrecida. A Igreja não é somente a comunidade dos que aguardam a vinda de Cristo. Porém, se diz de modo certo que é a comunidade dos salvos que participam da realeza de seu Senhor. É a comunidade elevada com Cristo para cima do mundo para reinar sobre este. Holtz separa o Cristo atual do Cristo futuro, por isto mesmo não pode dizer nada sobre o papel da de testemunha da Igreja. No entanto, contradizendo Holtz, Comblin afirma que o papel da Igreja no Apocalipse é bem superior a este que Holtz demonstra⁴⁷¹.

Assim afirma Molina sobre o trabalho de Holtz: é suscetível a uma crítica fundamentada, pois parece desconhecer a estrutura do apocalipse, como linha interna do pensamento que desenrola organicamente ao longo do livro. Sua exposição ocorre segundo seus próprios pressupostos teológicos. Sua divisão é

⁴⁶⁶ HOLTZ, T., *Die Christologie der Apokalypse des Johannes*, em *Texte und Untersuchungen zur Geschichte der altchr. Lit.* Berlin: Akademie-Verlag, 1962, p. xviii-240. T. Holtz – Cristologia dividida em tempos diversos: O cristo Presente e o Cristo futuro. cada um corresponde a uma parte. primeira parte: A presença e atualidade de Cristo; subdividida em: 1. Ap 5 – estudo sobre o Cordeiro; 2. Ap 1,5 – o amor e a morte de Cristo no Apocalipse; 3. O Cristo ressuscitado, Senhor da comunidade. A segunda parte: O futuro do Cristo; subdividida em: 1. parusia de Cristo; 2. salvação; 3. novo tempo.

⁴⁶⁷ COMBLIN, J., *Cristo*, p.332.

⁴⁶⁸ *Ibid.*, p. 332.

⁴⁶⁹ *Ibid.*, p. 333-335.

⁴⁷⁰ HOLTZ, T., *Die Christologie der Apokalypse des Johannes*, p. 202.

⁴⁷¹ COMBLIN, J., op. cit., p. 336.

controvertida; Não se nele encontra estudos sobre os símbolos; Não é estudada a função do Cristo como testemunha; Não se releva o papel da Igreja⁴⁷².

Para Vanni não há esta distinção entre Cristo presente e Cristo futuro dentro do livro do Apocalipse. Um Cristo futuro que influencia sua história atual, a qual deve desenvolver-se em direção a ele. É Cristo um futuro na história futura:

“C’è um Cristo futuro nella storia futura: nella situazione Che si avrà nella convivenza della Gerusalemme, la novità pienamente realizzata sarà la vitalità di Cristo risorto comunicata e partecipata senza limiti”⁴⁷³.

Cristo e a história com seu desenvolvimento são simultâneos. Isto é o Cristo futuro, na história futura: na situação que se faz na convivência da Jerusalém, a novidade plenamente realizada será a vitalidade de Cristo então comunicada e participada sem limites Este é o Cristo futuro que influência sobre a história atual, a qual está voltada em direção a Ele, caminha para Ele⁴⁷⁴.

Para Comblin a Igreja é a comunidade de testemunhos que levam ao mundo o testemunho de Jesus; porta voz de Jesus diante das nações para anunciar seu juízo e oferecer a sua salvação, para realizar a vinda atual do Filho do Homem ao mundo e para levar assim a cabo a última preparação do juízo final. O testemunho da Igreja é já o Juízo do mundo. A Igreja segue o caminho de seu mestre. Ela testemunha, luta, aceita a morte, é fiel até o fim, trás para si a vitória sobre os poderes⁴⁷⁵.

Aquilo que foi prometido, a vinda de Cristo, é uma promessa de vitória. A vitória consiste no encontro com aquele que vem. Pequeno é o desenvolvimento da batalha entre os poderes confrontantes, porém, a vitória é garantida pela vinda. Cristo é o único que pode ser vitorioso. Aqueles que permanecerem fiéis tomarão parte desta vitória e do triunfo. Eles esperam à sua chegada⁴⁷⁶.

Para Comblin a morte de Cristo no livro do Apocalipse, não é somente a salvação do povo, o Israel de Deus, senão também a salvação de todas as nações⁴⁷⁷. A morte de Cristo é a morte do mistério que expia pelo mundo inteiro.

Molina apresenta algumas críticas à obra de Comblin:

- a) É uma Cristologia de nomenclaturas;

⁴⁷² MOLINA, F.C., *El Señor de la Vida. Lectura Cristológica del Apocalipsis*, p. 26-27

⁴⁷³ VANNI, U., *L'Apocalisse. Ermeneutica, Esegese, Teologia*, p. 331.

⁴⁷⁴ VANNI, U., *L'Apocalisse. Ermeneutica, Esegese, Teologia*, p. 331.

⁴⁷⁵ COMBLIN, J., *Cristo en el Apocalipsis*, p. 336.

⁴⁷⁶ HARRINGTON, W., *Revelation*, p. 226.

⁴⁷⁷ COMBLIN, J., *Cristo en el Apocalipsis*, p. 337. Cf. Is 53,7.

b) Máxima importância às profecias sobre o servo; O centro do Apocalipse é formado pelas profecias do servo de Deus. Também, ele escolhe Is 53 e não dá ouvidos a Daniel.

c) Equívocos nos pressupostos de índole teológico-literários;

d) Arriscando resolve falar de escatologia realizada: esta divisão tão radical não aparece no Apocalipse, senão uma manifestação progressiva da vinda do Senhor.

e) Separa a função de Cristo; como Messias salvação para Israel e como Filho do Homem vem para julgar o mundo.

f) Também, não destaca a vitória de Cristo e da Igreja. Elementos sapienciais da igreja no Apocalipse: comunidade que se reúne para ler o livro assimilá-lo, purificar-se e preparar-se para ser testemunha no mundo⁴⁷⁸.

Ambos os trabalhos, Comblin e Holtz oferecem uma Cristologia de títulos. Seguem as mesmas perspectivas clássicas da Cristologia do N.T. Falta neles a presença diretora do próprio Apocalipse⁴⁷⁹.

No âmbito do livro do Apocalipse, a correlação entre Cristo e a história é confrontada e aprofundada⁴⁸⁰.

É num contexto litúrgico que o livro do Apocalipse pode realmente ser compreendido. 1Cor 11,26: “*Isto é meu corpo, que se dá por vós; fazei isto em memória de mim*”. Cristo é o Cordeiro que foi morto. Sua morte é vitória para todos. A vítima é a vitória. Isto é a memória da Eucaristia⁴⁸¹.

No Apocalipse, o Cristo que vem não se dirige a um grupo seletivo. A vinda de Jesus gera uma decisiva repercussão social e coletiva, entra em contato com a comunidade litúrgica⁴⁸².

Um protagonista absoluto: *o Cordeiro do Apocalipse*⁴⁸³. O enigma do livro está escondido por meio dos séculos; constitui o recurso (meio) da história (Ap 5,4). Até que venha o Cordeiro, Cristo, o revelador de Deus e de seus insondáveis

⁴⁷⁸ MOLINA, F.C., *El Señor de la Vida. Lectura Cristológica del Apocalipsis*, p. 27-28.

⁴⁷⁹ *Ibid.*, p. 28.

⁴⁸⁰ VANNI, U., *L'Apocalisse. Ermeneutica, Esegese, Teologia*, p. 331.

⁴⁸¹ HARRINGTON, W., *Revelation*, p. 226.

⁴⁸² CUADRADO, J. F. T., “*El veniente*”, p. 436.

⁴⁸³ No VI capítulo de seu livro, Molina desenvolve o tema do cordeiro que engloba os capítulos 6-22 do Apocalipse, dividindo-o em seis partes: 1-O Cordeiro inicia a história (Ap 6); 2-A multidão dos resgatados e o Cordeiro Pastor (Ap 7,9-17); 3- O Cordeiro sobre o monte Sião (Ap 14,1-5); 4 - O cântico de Moisés e do Cordeiro (Ap 15,2-4); 5- Vitória do Cordeiro (Ap 17,7-14); 6- O Cordeiro recapitula a história (Ap 21,14.18-27; 22,1-5).

desígnios, mediante o mistério pascal. A imagem do Cordeiro, repleta de símbolos (Ap 5,6) mostra ao fundo a presença de Cristo, para que o cristão descubra. Morto, mas de pé, vivo, plenitude do espírito (sete espíritos são os sete olhos), pleno de poder messiânico (sete cornos). O Senhor da vida é a chave do Apocalipse, por isto, é ele quem dá o sentido ao livro da humanidade. O destino último aponta para a Nova Jerusalém (Ap 21)⁴⁸⁴.

A dimensão mais genuína da Cristologia do Apocalipse está em revelar Jesus, como o “*Senhor da Vida*”. Por meio de seus múltiplos e entrecruzados símbolos, visões, locuções e descrições, ele se destaca soberanamente, por cima dos traços e facetas⁴⁸⁵, seu senhorio divino e sua capacidade de dá a vida. Cristo Pascal morto e ressuscitado é o Senhor da Vida, possuidor absoluto da vida, possui a vida completamente dentro de si. Disto resulta a sua característica essencial, identificadora: O *Senhor da Vida* domina a vida e a comunica⁴⁸⁶.

O símbolo do Cordeiro é uma presença fundamental ao longo do livro do Apocalipse. O Cordeiro aparece como o fio condutor que conduz os relatos e agrega as demais referências Cristológicas. Mostra como o cordeiro é o protagonista absolutamente eficaz em todo o arco da história da salvação⁴⁸⁷.

Estes prêmios estarão presentes depois na descrição da Nova Jerusalém. Os prêmios se revelam com algumas denominações simbólicas originais que só aparecem no livro do Apocalipse de São João⁴⁸⁸.

O começo da história com a abertura do livro e a ruptura paulatina dos selos, cada vez mais que vai aparecendo o Cordeiro mais se estreita a relação entre o Cordeiro e Deus, e o Cordeiro e os seus súditos, fiéis, leais, o Senhor e a Igreja⁴⁸⁹.

O Apocalipse é uma mensagem teológica com linguagem simbólica⁴⁹⁰.

A história da comunidade e a leitura do Apocalipse se entrecruzam e forma o círculo hermenêutico de sua compreensão⁴⁹¹.

⁴⁸⁴ MOLINA, F.C., *El Señor de la Vida. Lectura Cristológica del Apocalipsis*, p. 12.

⁴⁸⁵ Os diversos aspectos da cristologia do Apocalipse estão presentes nos títulos cristológicos (Filho do Homem, Sumo Sacerdote, Testemunha) e numa constelação de símbolos cristológicos. Símbolos de todos os tipos: bíblicos, teriomórficos (o Cordeiro), cromáticos (branco), espaciais-austrais (estrelas luzentes, sol). Sobre este fundo de simbolismo se encontra a presença nobre de Cristo. MOLINA, F.C., *El Señor de la Vida. Lectura Cristológica del Apocalipsis*, p. 14.

⁴⁸⁶ MOLINA, F.C., *El Señor de la Vida. Lectura Cristológica del Apocalipsis*, p.13.

⁴⁸⁷ *Ibid.*, p. 14-16.

⁴⁸⁸ *Ibid.*, p. 14-15.

⁴⁸⁹ *Ibid.*, p. 16.

⁴⁹⁰ *Ibid.*, p. 20.

⁴⁹¹ *Ibid.*, p. 19-20

O Apocalipse é um livro profético-apocalíptico. Como profecia da história busca no A. T. categorias bíblicas sobre providência de Deus⁴⁹².

O nascimento do Cristianismo tem ponto central e força motivadora o anúncio do Kerigma Cristológico⁴⁹³. O Apocalipse está em continuidade com este anúncio.

5.4 **Sumário final**

A situação de crise, a perseguição implacável, a ausência de lideranças e o ambiente profético-litúrgico são apenas alguns dos fatores geradores de uma linguagem escatológica.

O ambiente litúrgico evoca a presença do Cordeiro Pascal, neste ambiente a presença de Cristo é fundamental para a vida da comunidade. A presença de Cristo ocorre no hoje da história (Evangelho de João), mas é uma presença que impulsiona a própria história

A promessa de Salvação para aqueles que estiverem com suas obras é o julgamento dos justos, e ao mesmo tempo para aqueles que não mantiverem as suas obras esta presença do juiz é condenação.

⁴⁹² Ibid., p. 22-24.

⁴⁹³ SANTOS, P. P. A., *Algumas questões sobre as relações entre o âmbito do Cristianismo Primitivo*, p. 260.